

EM PAUTA - v. 15 - n. 25 - julho a dezembro de 2004

133

A História Oral no estudo do programa de rádio *Clube do Guri* (1950-1966)

Marta Adriana Schmitt

Oral History
applied in the
study of *Clube do*
Guri radio program
(1950-1966)

Resumo

É possível resgatar a história de um programa de rádio veiculado há 50 anos? Como recuperar o seu formato, o conteúdo e a concepção? De que maneira pode-se apreender como se dava a participação musical de jovens e crianças num programa de auditório? Esses questionamentos permearam a minha dissertação de mestrado intitulada "O Rádio na formação musical: um estudo sobre as idéias e funções pedagógico-musicais do programa de rádio *Clube do Guri* (1950-1966)", que investiga o rádio como um espaço de formação musical. Este artigo discute os caminhos percorridos durante esse estudo, destacando a metodologia da História Oral, a qual viabilizou a recuperação de um passado recente. As entrevistas com cinco participantes e dois membros da equipe do programa possibilitaram, através de suas memórias, a construção de um documento histórico, o *corpus* documental do trabalho, material de referência para a análise do meu objeto de pesquisa.

Palavras-chave: História Oral; *Clube do Guri*; educação musical.

Abstract

Is it feasible to bring back the history of a radio program broadcast 50 years ago? How would its format, content and concept be restored? How musical interaction of youngsters and children happened in a live audience program?

These questionings are largely spread along my dissertation entitled O Rádio na formação musical: um estudo sobre idéias e funções pedagógico-musicais do programa de rádio *Clube do Guri* (1950-1966) [Radio as a musical education maker: a study on its concepts and musical-pedagogic role], a program which studies radio as a musical education maker.

This abstract also investigates the journeys taken along the study, detaching the methodology of Oral History, which made possible the recovery of a recent past. Interviews with five participants and as two radio program staff members helped remaking a historical document, the program *corpus*, and the subject for the analyses of research.

Keywords: Oral History; *Clube do Guri*; musical education.

Recebido em 22/06/2004

Aprovado para publicação em 12/08/2004

Introdução

O programa *Clube do Guri* foi um dos maiores sucessos do rádio gaúcho das décadas de 50 e 60. O programa ficou no ar durante dezesseis anos, de agosto de 1950 a julho de 1966, na emissora Rádio Farroupilha, de Porto Alegre, a PRH-2. Era destinado a crianças e jovens de cinco a quinze anos de idade, que participavam do programa cantando, declamando, dançando, fazendo locução ou interpretando um instrumento. Ao mesmo tempo em que o *Clube do Guri* oportunizava aos participantes mostrarem seus conhecimentos e vivências musicais, também estimulava que buscassem novas canções, propiciando novos aprendizados, como a seleção de músicas, aprendizagem de novas canções, trabalho da expressividade, posicionamento em palco, uso de microfone e canto em grupos. O programa ficou nacionalmente conhecido por ter sido o local no qual a cantora Elis Regina iniciou sua trajetória musical.

O *Clube do Guri* foi tema da minha dissertação de mestrado,¹ cujo objetivo foi investigar a contribuição do programa na formação musical de crianças e jovens que dele participavam, buscando compreender qual era a importância do programa para essas pessoas, como se dava a participação musical no programa, qual era o formato, o conteúdo e a concepção do programa, quais suas funções pedagógico-musicais, bem como a relação do programa com a escola. Para analisar o rádio como espaço de formação musical, tomei como referência as teorias sobre aprendizagem através dos meios de comunicação (Schmidt, 2001; Steinberg, 1997; Fischer, 1997; Braga e Calazans, 2001; Nanni, 2000; Souza, 2000 e Thompson, 1998).

Durante a revisão bibliográfica, constatei que praticamente inexistia documentação a respeito do *Clube do Guri*. O material disponível abordava questões recorrentes, muitas vezes contraditórias. As diversas publicações em jornais da época geralmente relacionavam-se a aspectos restritos às apresentações e aos concursos. Não foram localizadas gravações de áudio do programa, pois no período do *Clube do Guri* não havia o hábito de se realizar registros sonoros de programas veiculados no rádio, além do que, os equipamentos técnicos disponíveis para este fim eram bastante precários. Percebi que seria necessário recuperar a história do programa, para então poder refletir sobre as questões que nortearam a minha pesquisa.

Essas evidências me levaram a optar pela História Oral,² pois como explica Queiroz (1991), este termo é amplo e “recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade” (Queiroz, 1991, p. 5).

Esse trabalho adotou também a perspectiva histórica. No estudo histórico, o pesquisador examina uma determinada realidade em um tempo delimitado e em um lugar preciso, necessitando delimitar no tempo e no espaço o objeto do seu estudo (Borges, 1993). As indagações dos pesquisadores ao seu objeto de estudo refletem questionamentos relacionados ao tempo presente, ao cotidiano do historiador. “São as perguntas do presente que direcionam nossas perguntas ao passado, através das quais construímos um novo conhecimento histórico” (Felix, 1998, p. 95). De acordo com Borges:

Conforme o presente que vivem os historiadores, são diferentes as perguntas que eles fazem ao passado e diferentes são as projeções de interesses, perspectivas e valores que lançam no passado. Eis por que a história é constantemente reescrita. [...] Mesmo quando se analisa um passado que os parece remoto, portanto, seu estudo é feito com indagações, com perguntas que nos interessam hoje, para avaliar a significação desse passado e sua relação conosco. (Borges, 1993, p. 56)

Realizar um estudo histórico não significa apenas levantar dados e fatos, mas sim compreender as possíveis relações entre os mesmos. Como afirma Borges, “a história, como toda forma de conhecimento, procura desvendar, revelar, sistematizar relações desconhecidas, não claras” (Borges, 1993, p. 65-66).

Esse artigo discute os caminhos percorridos durante este estudo, destacando a metodologia da História Oral, a qual viabilizou a recuperação de um passado recente. As entrevistas com cinco participantes e dois membros da equipe do programa possibilitaram, através de suas memórias, a construção de um documento histórico, o *corpus* documental do trabalho, material de referência para a análise do meu objeto de pesquisa.

História Oral: conceitos e especificidades

A definição de História Oral não se estabelece facilmente, pois como aponta Alberti (1990), “ora constitui *método* de investigação científica, ora *fonte* de pesquisa, ora ainda *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados” (Alberti, 1990, p. 1; grifos no original). Contudo, a autora arrisca uma definição:

História oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc., à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou os testemunharam. (Alberti, 1990, p. 1-2)

Como mencionado, o objeto de estudo foi o programa de rádio veiculado de 1950 a 1966. A aproximação com esse tema se deu através de relatos de sete entrevistados, dois integrantes da equipe do programa, o apresentador Ary Rego

e sua esposa e colaboradora Dayse Rego; e cinco antigos participantes, Armando Burd, Cleonice Schaefer, Darcílio Messias, Maria Helena Andrade e Roberto Gianoni. Através das lembranças e do registro de suas experiências foi possível *recriar* os dezesseis anos em que o programa *Clube do Guri* permaneceu no ar.

Uma das especificidades da metodologia da História Oral é que ela só pode ser empregada para assuntos ocorridos num passado recente, em que a memória dos entrevistados seja capaz de alcançar, estudando acontecimentos que tenham ocorrido em torno de cinquenta anos, entrevistando pessoas que deles participaram, como atores ou como testemunhas (Alberti, 1990).

Trabalhar com fontes orais significa estudar as diferentes versões explorando suas riquezas. Nesse processo, a veracidade dos dados não é a questão primordial. O ponto central é o “todo social, as relações entre os indivíduos, grupos e coletividades” (Lang, 1996, p. 44). De acordo com Alberti (1990), o fato do depoente “distorcer” a realidade, ter ‘falhas’ de memória ou ‘errar’ em seu relato”, não é mais visto como um fator negativo, pois o importante “é incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e não de outra e por que razão e em que medida sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes” (Alberti, 1990, p. 3). Durante a pesquisa, fui me aproximando do objeto de estudo através das lembranças dos entrevistados. Ao todo foram sete versões, sete diferentes leituras que me forneceram um “todo social”, uma representação qualitativa de um determinado momento histórico.

Na análise das entrevistas, percebi essas *distorções* e *falhas* de memória nos relatos dos entrevistados. Um exemplo foi que um dos depoimentos trazia um elemento novo que não havia sido comentado por nenhum dos outros entrevistados. Tratava-se da presença de um trono no palco do *Clube do Guri*. Esse dado não constava em nenhuma das outras seis versões. Mais tarde compreendi que, pelo fato da entrevistada ter participado de inúmeros programas de calouro quando criança, ela provavelmente tenha relatado experiências relativas a outros programas e não ao *Clube do Guri*. Em conversas informais tive conhecimento da presença de um trono em programas de calouros infantis realizados no interior do Estado. A entrevistada estava, assim, trazendo elementos significativos relacionados a outras experiências.

Quanto às críticas em relação à utilização da fonte oral, Nabão (2000) aponta que uma das dúvidas mais recorrentes diz respeito à “confiabilidade da evidên-

cia oral” no que se refere à sua subjetividade, porque fontes orais “dizem respeito à memória individual que às vezes pode ser falível ou fantasiosa”. A autora encaminha a questão através de um argumento de Thompsom, o qual afirma que “nenhuma fonte está livre da subjetividade seja ela escrita, oral ou visual” (Nabão, 2000, p. 127). De acordo com Bosi (1994), os fatos relatados nos livros de história representam “um ponto de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista”. Para essa autora, “erros e lapsos” dos narradores “são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial”. Então, o importante nos relatos reside “*no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (Bosi, 1994, p. 37; grifos no original).

A produção de documentos históricos é outra especificidade da metodologia da História Oral. De acordo com Alberti, “ao invés de organizarmos um arquivo de documentos já existentes, conferindo-lhes, após criteriosa avaliação, o caráter de fontes em potencial para futuras pesquisas, na história oral produzimos deliberadamente, através de várias etapas, o documento que se torna fonte” (Alberti, 1990, p. 4). O ineditismo e o preenchimento de lacunas de documentos escritos não são as principais características do documento de História Oral. “Sua peculiaridade – e o da história oral como um todo – decorre de toda uma *postura* com relação à história e às configurações socioculturais que privilegia a *recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*” (Alberti, 1990, p. 5; grifos no original).

Barela, Miguez e Conde (2000) ressaltam que a metodologia da História Oral não é apenas a construção da fonte histórica, mas também

a possibilidade de recuperar, a partir da memória individual ou grupal, uma série de laços sociais que reconhece no anonimato cotidiano uma atitude histórica. [...] A história oral não se contrapõe ao uso do documento escrito, mas se complementa. [...] A história oral busca basicamente aquilo que não se encontra nas fontes existentes, busca o que somente a partir do relato das pessoas e através da entrevista se pode encontrar. (Barela, Miguel e Conde, 2000, p. 7)

Um exemplo desses “laços sociais”, recuperados através da memória dos entrevistados, foi a participação efetiva de familiares junto ao programa *Clube do Guri*. Pais, irmãos e avós acompanhavam os participantes nas apresentações, viagens e ensaios, proporcionando a formação de círculos de amizades, que se estendiam às atividades externas ao programa. É esse “anonimato cotidiano”, relatado pelos entrevistados, que permite desvelar dados, relações

e acontecimentos. São elementos que não se encontram em outras fontes, e que podem vir a complementar os documentos existentes.

O diálogo entre a fonte escrita e a fonte oral é recomendada por Vilanova. Para a autora, “a palavra falada ilumina a palavra escrita, revitalizando-a, dando-lhe a perspectiva e o contorno humano adequado” (Vilanova apud Barela, Miguel e Conde, 2000, p. 13). Para esta pesquisa foram realizadas consultas no Museu Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Nesse museu, foram consultadas todas as edições disponíveis da *Revista do Rádio* de 1955, 1956, 1957, 1958, 1959, 1960 e 1961. Essa revista era publicada no Rio de Janeiro, e trazia uma coluna dedicada ao rádio do Rio Grande do Sul. Também foram consultados exemplares do jornal *A Hora*, do ano de 1957, publicação do Rio Grande do Sul, bem como edições do jornal gaúcho *Diário de Notícias*, de 1950 e 1957. Temas referentes ao *Clube do Guri* também foram localizados em Haussen (1988), Dillenburg (1990) e Faria (2000).

O caráter interdisciplinar, em nível local e regional, da metodologia da História Oral é destacado por Aceves Lozano (2001). Para esse autor, esta metodologia dá ênfase a fenômenos e eventos

que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na *visão e versão* que dimanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais. (Aceves Lozano, 2001, p. 16; grifos no original)

Nessa pesquisa, os relatos orais fornecidos pelos sete entrevistados resgataram lembranças de um passado recente, viabilizando reflexões sobre determinado momento histórico-social, o período em que o *Clube do Guri* permaneceu no ar, de 1950 a 1966, na Rádio Farroupilha, de Porto Alegre.

Fontes orais: entrevistas e memória

Mas como é que tu vais fazer um trabalho a partir de lembranças? (Maria Helena, participante do *Clube do Guri*)

Entrevistas

Esta epígrafe sintetiza a essência da História Oral, o resgate do passado através das lembranças dos entrevistados. Esse processo requer uma série de procedimentos técnicos referentes à gravação e à realização das entrevistas. A entrevista, com seu registro gravado e transcrito, torna-se um documento no qual o objeto documentado não é mais “o passado ‘tal como efetivamente ocorreu’”, mas “sim a versão do passado feita pelo entrevistado” (Alberti, 1990, p. 2). Esta produção de documentos orais exige um envolvimento especial por parte dos entrevistadores, não sendo apenas “simples indagadores ou bons ouvintes”. Os entrevistadores participam da construção da entrevista, preparando o roteiro, selecionando as perguntas, mantendo o diálogo, propondo e problematizando questões (Farias, 1996, p. 167).

As entrevistas foram realizadas entre janeiro e julho de 2003. Foram feitas nove entrevistas, sendo três com o apresentador do programa, duas com Darcílio Messias, e uma com os outros quatro participantes. A participação de Daisy Rego foi sugerida por Ary Rego no primeiro encontro, sendo a entrevista realizada de forma coletiva. A volta ao mesmo entrevistado é muito gratificante para a pesquisa, pois a partir da primeira entrevista a memória é ativada e novas lembranças surgem nos encontros seguintes. Porém, não foi possível realizar mais de uma entrevista com todos os colaboradores da pesquisa, em função da disponibilidade e interesse de alguns e da resistência e poucas lembranças de outros. Mas como explica Alberti, não se deve “invalidar qualquer tentativa de entrevista que não se estenda por mais de uma sessão. Muitas vezes, um depoimento de pouco menos de duas horas de duração pode fornecer dados relevantes e constituir fonte de reflexão primordial para a compreensão do objeto de estudo”, mas, que “havendo a oportunidade e sendo conveniente para os propósitos da pesquisa, é preferível procurar estender a duração da entrevista de modo a alcançar melhores resultados” (Alberti, 1990, p. 71).

Uma das etapas importantes de uma investigação com História Oral é a confecção do roteiro de entrevistas. Nesse estudo, o roteiro foi realizado com base na literatura e nas questões que nortearam o projeto da pesquisa. Foram dois roteiros, um para a equipe do programa, o apresentador e sua esposa, e outro para os participantes. Durante a realização das entrevistas, novas questões foram surgindo, ampliando o roteiro original.

A relação entre entrevistador e entrevistado é outro fator relevante em uma investigação. O fato de ser radialista ajudou muito no primeiro contato com os participantes da pesquisa, facilitando minha inserção no campo. Mesmo tendo em comum o interesse por um determinado tema, muitas diferenças se fazem presentes numa relação entre entrevistado e entrevistador, como experiências, opiniões e conhecimentos. Para Alberti, esse encontro é uma “relação em que se deparam sujeitos distintos, muitas vezes de gerações diferentes, e, por isso mesmo, com linguagem, cultura e saberes diferentes, que interagem e dialogam sobre um mesmo assunto” (Alberti, 1990, p. 69).

As entrevistas de História Oral apresentam alguns “elementos recorrentes” (Alberti, 1990) que variam de acordo com o estilo do entrevistado e que devem ser administrados pelo entrevistador. Essas peculiaridades são “as repetições, os avanços e recuos e a falta de cronologia. [...] Assim, se o entrevistado avança, recua ou não segue a cronologia em sua narrativa, isso não deve constituir problema para o entrevistador acompanhar a entrevista e continuar a conduzi-la” (Alberti, 1990, p. 88). O processo de recordação varia muito de pessoa para pessoa, modificando-se conforme a importância que se dá ao acontecimento, no momento em que ocorre e no momento em que é recordado. Para Alberti, nem tudo o que é importante é recordado “muitas vezes esquecemos, deliberadamente ou inconscientemente, eventos e impressões de extrema relevância” (Alberti, 1990, p. 5).

Nessa pesquisa, muitas vezes os entrevistados sentiam a necessidade da intervenção do entrevistador no sentido de reconduzi-los ao tema em questão:

Marta: Darcílio, como era participar do programa *Clube do Gur?*

Darcílio: Ah! Era um troço muito bacana... porque na época era o máximo. Então a gente era criança e... cantava, cantava em casa. A minha mãe dizia que eu... ainda parece que eu me lembro... eu morava numa casa na rua Cândio Gomes e nós tínhamos um baú, em casa, então ela disse que eu me ajoelhava e ficava fazendo ... fazendo que estava tocando no baú... eu cantava, cantava, então ela resolveu me levar no programa, porque ela já tinha levado primeiro os meus outros dois irmãos, o Dirlnei e o Dirceu, [...] Je tinha também uma irmã que tocava piano, a Dircéia, que hoje é professora aposentada, a Darcila que era essa que cantou... e tinha a Daciara que estudou treze anos de balé, era uma bailarina muito boa, mas depois resolveu fazer medicina e largou. Bom e... o que eu tava falando mesmo? (rindo) ...a gente vai... vai...

Marta: Como é que era participar do programa?

Darcílio: Ah! Tá. Aí a minha mãe, a mãe levou lá no programa e começou... cantei né, e... aí começou tudo.

Para o entrevistador conseguir respeitar o discurso e a condução das idéias dos seus entrevistados, ele deve seguir alguns procedimentos, tais como não tomar o roteiro das entrevistas como “uma camisa de força”, não ficar preso à ordem cronológica, mas respeitar os “avanços e retrocessos característicos do esforço de recordação”, permitir o “desenvolvimento de assuntos não previstos”, enfim, possibilitar ao entrevistado “seguir o ritmo de seus pensamentos” (Alberti, 1990, p. 63). Alberti salienta ainda que “é preciso saber *ouvir*. E a partir dessa prática, saber articular o que se ouve com o que está no roteiro” (Alberti, 1990, p. 63; grifo no original).

A busca de uma articulação entre a fala dos entrevistados e o roteiro das entrevistas foi uma constante na pesquisa. Esse aspecto pôde ser observado no depoimento de Maria Helena Andrade, quando ela relatou sua experiência com a cantora Elis Regina, antecipando respostas relativas à questão sobre as secretárias do programa. O relato ficou assim registrado:

Marta: E como é que era o programa, Maria Helena?

Maria Helena: Todas as crianças da época ..., tinha a secretária do programa ..., quem era a secretária? Era a Elis... Elis Regina (rindo) era a secretária do programa, então dava os prêmios, ela sabia tudo né, o que se desenrolava no programa, já pelo tempo que ela estava aqui em Porto Alegre, então ela era a secretária do Ary Rego, diretor do programa, ela anunciava, ela sabia as entradas, quem entra agora, quem não entra, sabia as músicas que iam se cantadas, participava ativamente, além de cantar também, que ela começou também como caloura, depois começou aquela história, estava ganhando muito, ganhando todos os concursos, então o que eles deram... uma atividade prá ela de secretária do programa, até que ela chegou aos quinze anos de idade, e passou a cantar profissionalmente, o que eu já estava fazendo antes dela, que eu devia ter o que, uns três anos a mais que ela, entendeu.

O desenvolvimento de temas não previstos no roteiro de entrevistas permite ampliar as reflexões, contextualizando e evidenciando a relevância de aspectos relacionados a cada um dos entrevistados. Durante a coleta de dados, me deparei com vários temas inesperados, como, por exemplo, a presença de Elis Regina nos depoimentos. Além de demonstrar o orgulho dos entrevistados de terem convivido com a cantora no *Clube do Guri*, participando do mesmo programa, mesmo que em períodos diferentes, as recordações relacionadas à Elis

Regina serviram também como um referencial, um marco no tempo, registrando e guiando o resgate de determinados períodos, épocas e acontecimentos para os participantes.

Cleonice Schaefer, tentando lembrar se freqüentava o auditório quando não cantava, faz referência ao nome de Elis Regina, resgatando assim determinado período na sua trajetória. Como ela relata:

Eu me lembro que eu fui uma vez quando a Elis Regina se apresentou, e eu me lembro que eu estava sentada na platéia e ela cantando, então, já tinha passado os quinze anos, eu já não tava mais participando do *Clube do Guri* e ela estava, porque ela era assim acho que uns dois, três anos mais moça do que eu. Eu me lembro que ela se apresentou então cantando, eu me lembro parece que tinha concurso também quem cantava melhor no dia, e no dia que ela se apresentou, ela ganhou o primeiro lugar, inclusive ela se apresentou, ela tava com um sangramento no nariz e eu não sei porque ela... mas mesmo assim com todo esse problema ela tirou o primeiro lugar (risada). (Cleonice Schaefer)

O respeito com o entrevistado foi essencial na minha pesquisa. No primeiro encontro com Ary Rego, já percebi a importância do evento denominado entrevista. O gravar, o perpetuar uma fala, o deixar a recordação aflorar. Ary Rego falou bastante, estava muito empolgado, contando, com detalhes, várias passagens de sua trajetória profissional. Percebi que ele tinha uma memória fantástica e que tinha muitas coisas para contar. Antes de começarmos a falar sobre o *Clube do Guri*, Ary Rego me contou toda a sua trajetória até chegar em Porto Alegre. Não quis interrompê-lo, queria deixá-lo à vontade. O ideal, numa situação de entrevista, de acordo com Alberti, “é que se caminhe em direção a um diálogo informal e sincero, que permita a cumplicidade entre entrevistado e entrevistadores, à medida que ambos se engajam na reconstrução, na reflexão e na interpretação do passado” (Alberti, 1990, p. 69).

Um clima de colaboração e confiança foi estabelecido durante toda a etapa da coleta de dados. Já no primeiro encontro com Ary Rego, ele mostrou-se reticente em emprestar documentos do seu arquivo pessoal, relatando uma experiência negativa em que havia emprestado fotos do *Clube do Guri* para a realização de um evento comemorativo, e que a responsável não havia devolvido o material. No entanto, ao longo da pesquisa, Ary Rego disponibilizou todos os documentos referentes ao *Clube do Guri*.

Durante a entrevista de História Oral, o documento vai se formando através da interação entre entrevistado e entrevistador. Para Alberti,

uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos – efeitos que se pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos, que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo. Desse ponto de vista, a entrevista de história oral não se diferencia de outros documentos de cunho retrospectivo, como autobiografias ou relatórios, por exemplo, que constituem tanto *relatos de ações* quanto *ações* propriamente ditas. Sua especificidade com relação a esses documentos vem do fato de as *ações* que documenta serem tanto do entrevistado quanto do entrevistador – deste, maiores ou menores, não importa, mas, como já se tornou costume dizer, trata-se na história oral, de uma produção *intencional* de documentos da parte do pesquisador. (Alberti, 1990, p. 34; grifos no original)

Alberti apresenta duas modalidades de entrevistas, que variam de acordo com o tema, com os objetivos e o propósito da pesquisa. São elas a entrevista temática e a entrevista de história de vida. A entrevista temática, de acordo com a autora, é aquela que versa “especificamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido como objeto principal”. Já a entrevista de história de vida “tem como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou” (Alberti, 1990, p. 19-20). Nessa pesquisa adotou-se a entrevista temática, visto que se trata de um tema específico na trajetória dos depoentes. Ainda para Alberti, o tema pode ser de alguma forma “extraído” da trajetória de vida mais ampla e tornar-se centro e objeto das entrevistas (Alberti, 1990, p. 20).

A transcrição das entrevistas é outra etapa importante da pesquisa com História Oral. Durante a análise dos dados, o material transcrito passou por um processo de textualização, recomendado por Gattaz (1996), no qual o texto deve se tornar claro e compreensível. As entonações enfáticas ou emocionadas, risos e gestos foram destacados (em negrito ou entre parênteses) buscando transmitir e traduzir a atmosfera da entrevista, onde a emoção da linguagem falada não tem o mesmo valor da linguagem escrita. Neste processo de textualização, alguns elementos foram trabalhados como a supressão de palavras repetidas e de cacoetes de linguagem, expressões usadas incorretamente, próprias da conversa informal. Em alguns casos, as repetições foram mantidas, principalmente quando usadas para enfatizar uma idéia. Pequenos acréscimos também foram realizados, de modo a tornar o texto mais claro ao leitor. De acordo com Gattaz (1996),

a textualização dever ser uma narrativa clara, onde foram suprimidas as perguntas do entrevistador; o texto dever ser “limpo”, “enxuto” e “coerente” (o que não quer dizer que as *idéias* apresentadas pelo entrevistado sejam coerentes); sua leitura deve ser fácil, ou compreensível, o que não ocorre com a transcrição literal, apresentada por alguns historiadores como “fiel” ao depoimento, porém difícil de ser analisada como documento histórico. (Gattaz, 1996, p. 135-136; grifo no original)

Um recurso importante no processo de transcrição do registro oral para o documento escrito é a pontuação. De acordo com Alberti, a pontuação “é o aspecto mais delicado de transposição do discurso oral para o escrito e deve ser empregada com o máximo de cuidado, para tentar traduzir o ritmo da fala sem prejuízo de seu conteúdo” (Alberti, 1990, p. 134).

Outro fator relevante na pesquisa com História Oral diz respeito aos cuidados éticos. Nessa pesquisa, as gravações e utilizações das entrevistas foram realizadas com o consentimento verbal dos entrevistados. O registro e reprodução das fotografias e objetos apresentados durante as entrevistas também foram autorizados pelos entrevistados. Foi explicado sobre a necessidade de um documento de cessão de direitos da entrevista, “documento através do qual o entrevistado cede ao programa os direitos sobre aquela entrevista e sem o qual não há como abrir aquele depoimento para consulta ao público, além de tornar-se restrito o uso que dele podem fazer os pesquisadores do programa” (Alberti, 1990, p. 54). Todos os sete entrevistados concordaram em assinar a carta de cessão de direitos sem nenhuma hesitação ou desconforto. Todos os depoentes receberam uma cópia das entrevistas. Esses procedimentos éticos são de grande importância para a realização de uma pesquisa.

Memória

As entrevistas de História Oral trabalham com a memória, práticas nas quais a testemunha reconstrói o passado sob a ótica do presente, registrando os acontecimentos em função da sua perspectiva atual. Nesse processo, “o depoente, consciente ou inconscientemente, seleciona determinados assuntos para se aprofundar e afasta outros da discussão” (Farias, 1996, p. 166-167). Parafraseando Halbwachs, Bosi (1994) ressalta o “caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória” como algo “excepcional”. Na maioria das vezes, “lembrar

não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (Bosi, 1994, p. 55). Para essa autora, “memória não é sonho, é trabalho”. Ela orienta para que duvidemos da “sobrevivência do passado ‘tal como foi’”:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora à nossa disposição, o conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que os pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (Bosi, 1994, p. 55; grifo no original)

Durante a realização das entrevistas, a reconstrução de experiências do passado mostrou-se, muitas vezes, um exercício difícil. Em um dos relatos, uma entrevistada tem consciência da dificuldade em avaliar uma situação experimentada na infância, já que a análise é feita a partir de referências do presente.

Marta: E quanto ao apresentador Ary Rego [o que você lembra]?

Cleonice: Também, também, ele era também uma pessoa muito, muito legal também assim muito... é... só que falando agora é..., como é que eu vou te explicar, parece assim que era uma coisa assim tão natural que ele, ele não nos tratava como crianças, assim tá entendendo, mas como pessoas que vão lá e cantam, só que a gente era criança né (riso), que hoje em dia a gente vê programa que... há... não sei a criança parece que fica adulta, não sei explicar direito.

Marta: Como era o tipo de tratamento?

Cleonice: Era um tratamento..., eu acho assim... (pausa), eu não sei explicar direito porque também eu tô, eu tô... percebendo assim, porque eu era criança, tá entendendo, então é difícil fazer uma avaliação, né, há... não consigo me lembrar.

Como visto no último depoimento, a utilização de programas atuais servem de parâmetro para avaliar experiências passadas:

Hoje em dia, não sei se tu tivesse a oportunidade de assistir algum programa de calouro do Raul Gil, ultimamente. A própria voz do calouro, já está num disquete, anterior, que ele já gravou uma segunda voz, fica de *playback*, tudo prontinho. Ele canta em cima da sua própria voz... . Naquele tempo não tinha nada disso, era o

piano tocando... e se acertou ou não acertou, se saiu muito mal o Ruy Silva [pianista] parava e começava de novo, e o cantorzinho entrava. (Daisy Rego)

A comparação entre rádio e TV também foi uma constante nos relatos. Maria Helena recorda que o *Clube do Guri* era “realmente muito famoso”, que era como “tu ver um *Faustão*, hoje”. Armando Burd lembra que “todo mundo ouvia, todo mundo elogiava, cumprimentava, se tornava no bairro uma figura, Oh! se apresentar no *Clube do Guri*, era como hoje aparecer na televisão”.

O caráter quase onírico da memória ficou bastante evidente em um dos relatos, quando a entrevistada literalmente expôs que as lembranças pareciam um sonho. Em outro momento, a mesma entrevistada tenta descrever uma fotografia, porém não consegue lembrar realmente o que estava acontecendo. Tratava-se de um registro realizado durante o carnaval, quando todas as crianças, conforme vim a compreender através dos depoimentos de Ary e Dayse Rego, participavam fantasiadas. Eram os concursos de fantasia. Para a entrevistada aquilo parecia um sonho:

Marta: E a foto que tu tens Cleo?

Cleonice: Eu tenho uma foto que aparece eu, a Ruth Severo, essa que eu te falei, mais algumas crianças. Está todo mundo junto, e eu me lembro que parece que eu estou, com uma fantasia... e tem o microfone, eu estou cantando e várias crianças do meu lado. Eu acho que era todo mundo cantando junto, mas é... eu tô fantasiada... impressionante isso, eu não sei porque isso, é tão..., e sabe que tu fazendo essas perguntas agora é tão interessante que parece que foi um sonho que eu tive porque eu, eu não consigo me lembrar do antes, durante, o depois. Eu não consigo fazer uma cronologia sobre as perguntas que tu estás fazendo, sabe (risada) ... só pinceladas.

A definição de memória, para Simson (2002), é “a capacidade humana de reter fatos e experiências do passado e retransmiti-los às novas gerações através de diferentes suportes empíricos (voz, música, imagem, textos, etc.)”. A autora apresenta dois tipos de memória, a individual e a coletiva. A memória individual “é aquela guardada por um indivíduo e se refere às suas próprias vivências e experiências, mas que contém também aspectos da memória do grupo social onde ele se formou, isto é, onde esse indivíduo foi socializado”. Já a memória coletiva “é aquela formada pelos fatos e aspectos julgados relevantes e que são guardados como memória oficial da sociedade mais ampla. Ela geralmente se expressa naquilo que chamamos de *lugares da memória* que

são os monumentos, hinos oficiais, quadros e obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade” (Simson, 2002; grifo no original).

Citando Halbwachs, Bosi (1994) escreve que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual” (Bosi, 1994, p. 413).

A importância do coletivo na preservação da memória é apontada por Bosi (1994). De acordo com a autora,

as lembranças grupais se apóiam umas nas outras formando um sistema que subsiste enquanto puder sobreviver a memória grupal. Se por acaso esquecemos, não basta que os outros testemunhem o que vivemos. É preciso mais: é preciso estar sempre confrontando, comunicando e recebendo impressões para que nossas lembranças ganhem consistência. Imagine-se um arqueólogo querendo reconstituir, a partir de fragmentos pequenos, um vaso antigo. É preciso mais que cuidado e atenção com esses cacos; é preciso compreender o sentido que o vaso tinha para o povo a quem pertenceu. A que função servia na vida daquelas pessoas? Temos que penetrar nas noções que as orientavam, fazer um reconhecimento de suas necessidades, ouvir o que já não é audível. Então recomporemos o vaso e conheceremos se foi doméstico, ritual, floral... (Bosi, 1994, p. 414)

Simson destaca ainda sobre as “memórias subterrâneas ou marginais”, as quais seriam as memórias que se expressam somente quando provocadas por conflitos sociais ou quando evocadas através de pesquisadores que utilizam o “método biográfico” ou a “história oral” para resgatá-las e analisá-las, passando assim a integrar a memória coletiva de uma sociedade (Simson, 2002).

Barela, Miguel e Conde (2000) ressaltam a importância do exercício da memória para o desenvolvimento dos povos. Nesse sentido, “a recuperação de vestígios do passado e sua elaboração no presente é o que nos permite construir o futuro”. Praticar a memória, para uma sociedade “significa preservar sua identidade, porque entender o vivido como experiência compartilhada faz com que cada indivíduo se veja a si mesmo como parte de um todo” (Barela, Miguel, Conde, 2000, p. 9). Os autores complementam que “a memória como capacidade de conservar determinadas informações remete, antes de tudo, a um complexo de funções psíquicas com o auxílio das quais o homem está em condições de atualizar impressões e informações do passado, de compreen-

der e produzir idéias, transmitir experiências e se definir a si mesmo, quer dizer, intervir no processo social” (Barela, Miguel, Conde, 2000, p. 16).

De forma semelhante, Rousso (2001) define memória como sendo a presença do passado, de tal modo que

é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao “tempo que muda”, às rupturas que são o destino de toda vida humana; ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (Rousso, 2001, p. 94-95)

De acordo ainda com o autor, os historiadores admitem “que as representações do passado observadas em determinada época e em determinado lugar – contanto que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse grupo ou fora dele – constituem a manifestação mais clara de uma ‘memória coletiva’” (Rousso, 2001, p. 95).

Para Lang, “qualquer que seja a forma assumida pela fonte oral, baseia-se ela na *memória* e a memória é sempre uma reconstrução, evocando um passado visto pela perspectiva do presente e marcado pelo social, presente a questão da memória individual e da memória coletiva” (Lang, 1996, p. 35; grifo no original). Ainda, segundo o autor, a História Oral trabalha com a memória e esta, muitas vezes, pode apresentar falhas. “Num relato, há esquecimentos, omissões que podem ser ou não intencionais. Uma omissão poderia, por exemplo, decorrer do desejo de transmitir determinada imagem ao pesquisador”. No entanto, o autor acredita “que ultrapassa a função do sociólogo buscar apreender ou conjecturar sobre os determinantes destas atitudes, na medida em que trabalha basicamente com versões” (Lang, 1996, p. 43-44).

De acordo com Stern, “a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma

delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito”. Por fim, forma-se um “quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo” (Stern apud Bosi, 1994, p. 68).

Bosi (1994) assinala que “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Para essa autora, muitas vezes “as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão”. Ela salienta que muitas passagens acabam não sendo registradas e outras são confidenciais fora do momento da entrevista. “Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito” (Bosi, 1994, p. 39).

Ferreira e Amado indicam, ainda, que na História Oral “o objeto de estudo do historiador é recuperado e recriado por intermédio da memória dos informantes; a instância da memória passa, necessariamente, a nortear as reflexões históricas, acarretando desdobramentos teóricos e metodológicos importantes” (Ferreira e Amado, 2001, p. xv).

No caso específico deste trabalho, que reflete sobre as funções pedagógico-musicais do programa *Clube do Guri* (1950-1966), a memória foi o recurso metodológico que possibilitou a recuperação de informações sobre a importância do programa para os participantes. Através das fontes orais, foi possível traçar um histórico do *Clube do Guri*, revelando sua origem, locais onde era realizado, e aspectos relacionados à empresa patrocinadora. Os depoimentos viabilizaram esquematizar a estrutura e o formato do programa, revelando qual era a equipe de trabalho, como eram os ensaios e de que maneira se dava a formação de ouvintes-sócios. As falas também revelaram aspectos relacionados à audiência do programa em todo o Rio Grande Sul e Estados vizinhos, demonstrando dados sobre a repercussão em revistas e jornais da época. Outros registros importantes, relacionados à participação dos entrevistados no *Clube do Guri*, trouxeram à tona aspectos subjetivos, tais como o que sentiam ao participar do programa e como se dava a socialização através do programa. Por intermédio desses documentos orais, foi possível realizar uma análise sobre como era realizada a aprendizagem e prática musical dos participantes, recuperando dados relacionados ao repertório, aos recursos utilizados para a aprendizagem musical e à profissionalização através do programa.

Fotografias e outras fontes

As fotografias são tecidos, malhas de silêncios e de ruídos. Precisam de um narrador para desdobrar seus segredos. [...] Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências e memórias. (Samain, 1998)

Nada como a fotografia pra gente poder realmente comprovar o que a gente está dizendo. (Maria Helena, participante do *Clube do Guri*)

Além dos documentos orais, obtidos em entrevistas temáticas de História Oral, e das fontes escritas, presentes em jornais e revistas, a fotografia é outra fonte utilizada para desvendar e organizar as possíveis relações entre dados e fatos de um determinado período histórico. Esses documentos são utilizados para incentivar os depoimentos e as falas dos entrevistados, servindo como complemento das narrativas. Os testemunhos fotográficos são importantes quando somados aos depoimentos orais, pois “nem sempre as palavras dizem tudo; as imagens se fazem necessárias para ativar as lembranças adormecidas” (Carneiro, 1996, p. 277). É o depoente quem faz a identificação destes materiais, “dando nome aos rostos anônimos e movimento às imagens estáticas”. Através destes registros, “torna-se possível fazer um inventário de informações acerca do passado de cada colaborador, pois ali encontram-se gravados dados multidisciplinares” (Carneiro, 1996, p. 279). De acordo ainda com o autor,

os registros fotográficos emergem como *incentivo*, alimentando a narrativa, aguçando a recuperação das lembranças, reconstituindo detalhes do cotidiano e completando os *nãos-ditos*. A explicação dada a cada uma das imagens deve ser considerada como uma extensão da narrativa. A entrega destas ao entrevistador, para que este possa reproduzi-las, ultrapassa o ato da confiabilidade: o oralista se completa como *guardião da memória*, depositário das lembranças de cada um. (Carneiro, 1996, p. 278; grifos no original)

A fotografia como instrumento de pesquisa é também valorizada por Guran (1998), pois através dela é possível “evidenciar formas de comportamento e de relações sociais geralmente banalizadas pela vida cotidiana, e com isso dar pistas seguras para a compreensão de aspectos fundamentais daquilo que se encontra guardado no mais impenetrável dos materiais, o ser humano” (Guran, 1998, p. 90).

Muitas lembranças vieram à tona durante os depoimentos, quando incentivadas pela visualização das fotografias. Um exemplo foi quando Ary Rego registrou como era o programa durante a época do carnaval:

isso aqui não eram os artistas do *Clube do Guri*, era pra todos... Ah! isso aqui era pra todos de cinco a quinze anos de idade que quisessem concorrer, e aí então se... eles elegiam ou... elas, a comissão era feminina... Ah! eu tô me lembrando... essa senhora aqui, que o nome... quem é... era esposa de alguém da direção da rádio ou locutor, a minha mulher e a Iracema, eram as três que formavam a comissão. (Ary Rego)

As fotografias forneceram dados significativos para a pesquisa. Durante as entrevistas, foram raros os momentos em que os antigos participantes e os membros da equipe de trabalho do programa mencionaram as taças com que os vencedores dos concursos eram agraciados. Geralmente falavam dos chocolates oferecidos pela empresa patrocinadora, porém as fotos mostram que os vencedores eram brindados com grandes taças.

Ary Rego contou que conserva apenas algumas fotografias da época do *Clube do Guri*, pois muitas delas foram “extraviadas” e muitas “não foram realizadas”. De acordo com o apresentador, “naquela época, não existia a idéia de promoção, de marketing, de conservação, de resgate das coisas do passado do rádio e da televisão”. Ary Rego lembra que “era muito... vago o sentimento de que a gente poderia é... manter elementos para futuramente compor alguma coisa que revelasse como é que tinha sido aquela época toda e tal. Então ficamos (rindo)... ficamos aqui com muita pouca coisa” (Ary Rego).

Não são apenas as fotografias que podem estimular o andamento das entrevistas; cartas, recortes de jornais e outros objetos também são propulsores de lembranças e histórias. São recursos concretos que incentivam o entrevistado, facilitando a recordação (Alberti, 1990). Durante os depoimentos, percebi a valorização que os entrevistados atribuíam a esses materiais. Ary e Daisy Rego lamentaram não terem conservado alguns diplomas³ do *Clube do Guri*, pois alguns que guardaram foram extraviados. Indicaram o não guardar como um hábito cultural de brasileiros e de jovens que não se importam muito em preservar a memória:

Daisy: Olha, sabe, como a gente é brasileiro, até nisso, a gente não registra, não guarda... Na ocasião a gente acha que aquilo não vai ter uma importância. A gente faz isso com a vida da gente, quanta coisa passa e a gente não registrou, não guardou e depois passa um tempo e tem um valor tão grande, que não volta... as coisas não voltam.

Ary: Como apresentador de auditório, eu apresentei aqui, os melhores cantores populares do Brasil, na época, Francisco Alves, Silvio Caldas, Araci de Almeida,... (rindo) e não tenho nenhuma fotografia com eles. Nos fazíamos um rádio mais... espontâneo,

Daisy: Amadorista, um rádio amadorista, não era profissional...

Ary: Era uma época que se fazia sem premeditação de como coisa alguma com vista ao futuro

Daisy: E depois, pessoa jovem não tem esse sentido de futuro, de eternidade.

Os objetos dos acervos particulares dos entrevistados dessa pesquisa foram muito significativos para a elaboração do histórico do *Clube do Guri*, reunindo fotocópias de exemplares do Diploma do programa, do Cupom promocional Guri Neugebauer, do Registrador Globo, no qual o apresentador anotava os nomes dos ouvintes-sócios do programa, e da Flâmula do coral do Colégio Rosário, onde cantava um dos entrevistados. Objetos que outrora encontravam-se dispersos, estão agora reunidos, possibilitando novas reflexões.

Conclusão

Nesse artigo procurei discutir a metodologia da História Oral aplicada ao estudo sobre o rádio na formação musical, tomando como foco idéias e funções pedagógico-musicais do programa de rádio *Clube do Guri* (1950-1966). Através das lembranças de sete entrevistados foi possível resgatar a importante contribuição desse programa na formação musical de toda uma geração de crianças e jovens que dele participavam. A pesquisa contou com a colaboração de dois membros da equipe do programa, Ary e Dayse Rego, e cinco antigos participantes, Armando Burd, Cleonice Schaefer, Darcílio Messias, Maria Helena Andrade e Roberto Gianoni, que testemunharam e vivenciaram aquele momento histórico. Suas memórias viabilizaram a reconstrução do programa, possibilitando a análise das questões que nortearam o meu trabalho de dissertação de mestrado. O somatório das lembranças e percepções individuais formaram sistemas que mantiveram viva a memória coletiva daquele período e grupo social.

A análise das narrativas possibilitou o delineamento de um “mundo musical” (Finnegan apud Arroyo, 2002) que se encontrava “guardado” na memória dos entrevistados. A História Oral foi o caminho que possibilitou este estudo, trazendo informações que viabilizaram a reflexão do rádio como um espaço de formação musical.

É importante ressaltar que a contemporaneidade de um estudo histórico é evidente quando nos reportamos ao passado para compreender o presente e projetar o futuro. Considero relevante o resgate de parte da história da educação musical realizada através do rádio, pois talvez muitos dos desafios atuais na área da educação musical possam buscar suportes teóricos a partir de práticas já desenvolvidas. Afinal, como afirma Kraemer:

Para um julgamento apropriado da situação atual, uma consideração histórica coloca à disposição conhecimentos sobre *origem, continuidade e mudanças* de idéias, conteúdo e situações pedagógico-musicais; através da comparação com problemas semelhantes aos do passado, são colocadas à disposição alternativas para a discussão atual e com isso fundamentos para a crítica da situação atual. (Kraemer, 2000, p. 54; grifo no original)

Assim, tomar como objeto de estudo o programa *Clube do Guri* pode permitir o conhecimento e a reflexão sobre práticas musicais cotidianas da história do rádio em Porto Alegre, de um tempo passado, mas presente na memória atual.

Notas

¹ Pesquisa realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período de 2002-2004, sob orientação da professora Jusamara Souza

² Como muitos autores, opto pelo uso do termo História Oral em letras maiúsculas quando me referir ao método de pesquisa.

³ Os diplomas eram conferidos aos ouvintes que escreviam para o *Clube do Guri* solicitando tornarem-se sócios do programa.

Referências

- ACEVES LOZANO, Jorge Eduardo. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do Cpdoc*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1990.
- ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 95-121, jun. 2002.
- BARELA, Liliana; MIGUEL, Mercedes; CONDE, Luis García. *Algunos apuntes sobre historia oral*. 2. ed. Buenos Aires: Instituto Histórico de la Ciudad de Buenos Aires, 2000.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é história*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Maria Regina Zamith. *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Histórias de vida dos judeus refugiados do nazi-facismo: questões teóricas e metodológicas. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 269-281.
- DILLENBURG, Sergio Roberto. *Os anos dourados do rádio em Porto Alegre*. Porto Alegre: Ari/Corag, 1990.
- FARIA, Arthur de. *Um século de música no Rio Grande do Sul*. CEEE. Secretaria de Energia, Minas e Comunicações. Secretaria do Estado da Cultura. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.
- FARIAS, Ignez Cordeiro de. Os militares e a política: depoimento do coronel Paulo Pinto Guedes. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 135-140.
- FELIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Edupf, 1998.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e Abusos da História Oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul/dez. 1997.
- GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, p. 135-140, 1996.
- GURAN, Milton. A "fotografia eficiente" e as ciências sociais. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998. p. 87-99.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. *Rádio e criança: um estudo sobre a ausência de programação infantil nas emissoras de Porto Alegre*. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.
- KRAEMER, Rudolf-Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Em Pauta*, Porto Alegre, v.11. n. 16/17, p. 50-73, abr/nov. 2000.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos S. Bom (Org.). *(Re)Introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996. p. 33-47.

NABÃO, Maria Teresa. Algumas questões acerca da utilização de fontes orais no âmbito da pesquisa histórica. *Pós-História Revista de Pós-Graduação em História*. Universidade Estadual Paulista, Assis, v. 8, p. 121-143, 2000.

NANNI, Franco. Mass media e a socialização musical. Trad. Maria Cristina Lucas. *Em Pauta*, Porto Alegre, v.11. n. 16/17, p. 110-143, abr/nov. 2000.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

SAMAIN, Etienne. Modalidades do olhar fotográfico. In: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson (Org.). *Ensaio sobre o fotográfico*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1998. p. 109-114.

SCHMIDT, Saraí. De olho na mídia. In: SCHMIDT, Saraí (Org.). *A educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 61-64.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da Unicamp. *Nas Redes da Educação*. Revista Eletrônica, Unicamp. Disponível em: <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/art05.htm/>>. Acesso em: 4 jul. 2002.

SOUZA, Jusamara (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: PPG-Música/UFRGS, 2000. p. 07-13.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a contrução da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron da (Org.). *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997. p. 98-145.

THOMPSON, John. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.